



# O DESPERTAR DE ANBAR

## O Ponto Decisivo

Coronel Sean MacFarland, Exército dos EUA e  
Major Niel Smith, Exército dos EUA

**O**S IMPRESSIONANTES MELHORAMENTOS em segurança na província de Al Anbar durante 2007 mudaram significativamente o panorama militar e político do Iraque.

Muitos, dentro e fora das forças militares (ainda em novembro de 2006), tinham avaliado a situação em Anbar como uma causa perdida. O “Despertar de Anbar” por parte dos líderes tribais sunitas e seus apoiadores começou em setembro de 2006 próximo à Ramadi e surgiu repentinamente. Entretanto, a mudança que levou à derrota da Al-Qaeda em Ramadi — o que alguns chamaram de “o Gettysburg do Iraque” — não foi um evento casual.<sup>1</sup> Foi o resultado de um plano coordenado e executado pelas Forças Armadas dos EUA naquela cidade. A vitória tática se tornou o momento decisivo quando líderes mais antigos e com discernimento, ambos iraquianos e norte-americanos, aplicaram o modelo de Ramadi em toda a província de Anbar, Bagdá e outras partes do país, mudando dramaticamente o processo de segurança do Iraque.

*Difícil não significa sem  
esperança.*

—General David Petraeus,  
depoimento no Congresso,  
setembro de 2007

### A “Primeira Brigada de Combate”

A 1ª Brigada da 1ª Divisão Blindada, a “Primeira Brigada de Combate”, estava no centro do Despertar de Anbar. Quando chegamos a Ramadi em junho de 2006, poucos de nós pensávamos que nossa campanha mudaria a situação geral da guerra e levaria a Al-Qaeda à margem da derrota no Iraque. Os soldados, fuzileiros navais, marinheiros e aviadores que serviram com ou a nossa brigada de combate contribuíram com o Despertar de Anbar por meio de uma campanha deliberada e muitas vezes difícil que combinava tradicionais princípios de contra-insurgência com operações precisas e letais. A experiente aplicação dos mesmos princípios e a utilização do sucesso obtido por outras grandes unidades em Anbar e outras partes do Iraque irradiou o sucesso em Ramadi bem além da nossa área de operações num ritmo que ninguém poderia ter previsto.

A Primeira Brigada de Combate possibilitou o Despertar de Anbar com o objetivo de:

- empregar cuidadosamente a concentração de operações letais;
- defender a população por meio de uma presença avançada;
- cooptar líderes locais;
- desenvolver competentes forças de segurança com a nação anfitriã;
- criar a crença pública no crescente sucesso; e
- desenvolver uma infra-estrutura humana e física.

A execução dessa postura permitiu a brigada propiciar as condições, reconhecer oportunidades e explorar o sucesso quando plausível para criar uma reversão extraordinária.

*FOTO: Um soldado do Exército dos EUA da Força-Tarefa 1/35 procura insurgentes na rua ao lado do posto avançado 293 em Ar Ramadi, na Província de Al Anbar, Iraque, após o posto ter sido atacado por morteiros e armas leves em 24 de junho de 2006, durante a Operação Iraqi Freedom. (Força Aérea dos EUA, Sargento Jeremy T. Lock)*

## Ramadi por um triz

No verão de 2006, Ramadi sem dúvida estava entre as cidades mais perigosas do Iraque.<sup>2</sup> A área de operações sofria em média três vezes mais ataques por pessoa do que qualquer outra área no país. Com exceção dos centros governamentais e edifícios na proximidade das áreas ocupadas por uma companhia de Fuzileiros Navais, os insurgentes da Al-Qaeda tinham quase completa liberdade de movimento por toda a cidade. Eles dominavam quase todas as estruturas-chave da cidade, incluindo o hospital, o maior da província de Anbar. A liberdade de movimento que possuíam os permitia posicionar complexas faixas de explosivos improvisados nas estradas, as quais tornavam a maior parte da cidade numa área proibida para as Forças Armadas dos EUA e do Exército do Iraque.

Neste ponto, a situação em Ramadi era acentuadamente diferente da de Tal Afar, onde a Primeira Brigada de Combate tinha começado a sua ação militar. Embora Ramadi estivesse livre das divisões sectárias que molestavam Tal Afar, era a capital provincial, a qual era pelo menos quatro vezes mais populosa e ocupava um ponto de obstrução nas rotas de trânsito-chave no oeste de Bagdá. Talvez reconhecendo esses mesmos fatores, a Al-Qaeda tinha declarado Ramadi como a futura capital do seu “califado” no Iraque. A segurança iraquiana realmente não existia. Menos de cem policiais iraquianos apresentaram-se para trabalhar em junho e permaneceram em seus postos, muitos dos quais, amedrontados para executarem patrulhas. Adicionalmente, as inexperientes forças do Exército do Iraque próximas a Ramadi tinham pouca experiência operacional.

No final de 2005, as tribos sunitas ao redor de Ramadi tentaram expulsar a Al-Qaeda no Iraque (AQIZ), depois de se cansarem da cruel campanha do grupo terrorista que assassinava e intimidava o povo indiscriminadamente.<sup>3</sup> Um grupo que se chamou o Conselho do Povo de Al Anbar formou uma coalizão de xeques locais e grupos nacionalistas sunitas. O conselho pretendia conduzir uma resistência organizada contra as forças da coalizão e os elementos da Al-Qaeda, mas possuía contingente pequeno e exaurido por vinganças tribais, não possuía força nem coesão. Uma série de assassinatos dos líderes tribais finalmente desmanchou o grupo, o qual deixou de existir em fevereiro de 2006.

Esse colapso preparou as condições que a brigada encontrou quando chegou no final de maio. Os assassinatos tinham criado um vácuo de liderança em Ramadi. O corte dos vínculos tribais com os centros tribais exteriores tinha isolado a cidade. Por sua parte, as tribos tinham adotado uma postura positiva, não desejando antagonizar a poderosa presença da Al-Qaeda dentro e em volta de Ramadi. Em resumo, quanto a Primeira Brigada de Combate se aprestava para se deslocar de Tel Afar, sua nova área de operações estava essencialmente nas mãos inimigas.

## As Ações no Verão e Outono de 2006

A situação em Ramadi claramente requeria uma mudança nas táticas da coalizão. Nós tínhamos que introduzir forças de segurança do Iraque na cidade e nas áreas rurais controladas pelo inimigo. No entanto, mesmo com cinco forças-tarefas de Fuzileiros Navais e batalhões operacionais do Exército, a Primeira Brigada não tinha suficiente poder de combate

*O Major Niel Smith comandou a Companhia B, 2º Batalhão, 37º Regimento Blindado em Tal Afar e serviu como oficial de operações da brigada nesta operação da Primeira Brigada de Combate durante a Operação Iraqui Freedom V. Atualmente ele é oficial de operações no Centro de Contra-Insurgência do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA no Forte Leavenworth, Kansas. O Major Smith possui o título de Bacharel pela Universidade de James Madison. Participou em dois desdobramentos na Operação Iraqui Freedom.*

*O Coronel Sean McFarland comandou a Primeira Brigada de Combate, 1ª Divisão Blindada, na província de Al Anbar, retornando com a sua unidade em fevereiro de 2007. Ele possui o título de Bacharel em Ciências pela Academia Militar dos EUA e o de Mestrado pela Geórgia Tech, também é graduado pela Faculdade Industrial das Forças Armadas. Os desdobramentos do Col. McFarland incluem a Operação Desert Shield/Desert Storm e dois turnos de serviço na Operação Iraqui Freedom. Atualmente serve como chefe da Divisão do Iraque, no Gabinete de Política e Planos Estratégicos (E5), do Chefe do Estado-Maior Conjunto.*

*Depois da ofensiva em Fallujah, os americanos tentaram reprimir a ofensiva em Ramadi com uma combinação de manobras políticas e a cooperação dos líderes tribais para desenraizar os combatentes islamitas estrangeiros... Mas esse plano falhou espetacularmente, pois os homens que arriscaram a se aliar aos americanos... rapidamente descobriram que o Exército dos EUA não poderia protegê-los. Os insurgentes mataram 70 policiais recrutados em janeiro e pelo menos meia-dúzia de importantes líderes tribais foram assassinados desde então... Ramadi se tornou uma cidade onde guerrilheiros antiamericanos operam abertamente e burocratas da cidade estão com medo de reconhecer seus títulos com receio de serem mortos... O centro governamental no centro de Ramadi... está sob tiroteio ou ataques de morteiro diariamente.*

—Megan K. Stack e Louise Roug, "Fear of Big Battle Panics Iraqi City," *Los Angeles Times*, 11 de junho de 2006

para defender sozinha uma cidade tão grande. O Exército do Iraque e em alguns pontos, a Polícia do Iraque, tinha que ser ativado. Eles ajudariam, mas nós compreendemos que sem o apoio dos líderes locais e da população, qualquer ganho na área de segurança obtido somente por meio de operações letais seria somente temporário. Na realidade, nós tínhamos que superar efeitos colaterais da mal sucedida revolta tribal de 2005. Nós tínhamos que convencer os líderes tribais para que retornassem a lutar contra a Al-Qaeda.

**Desenvolvendo o plano.** Nós avaliamos que a brigada tinha que isolar os insurgentes, negando-lhes refúgio, e formar as Forças de Segurança do Iraque (FSI), especialmente as forças policiais, para que pudéssemos vencer. A equipe desenvolveu um plano centralizado para atacar as posições seguras da Al-Qaeda e estabelecer naqueles locais uma presença diuturna para desafiar diretamente o domínio da cidade pelos insurgentes, interrompendo suas operações, exaurindo seus efetivos e ganhando a confiança do povo. Nós pretendíamos tomar a posse da cidade e de seus arredores, um bairro de cada vez, estabelecendo postos avançados de

combate e empregando a força policial em áreas mais seguras. O plano requeria o engajamento simultâneo dos líderes locais num esforço de identificar aqueles que tinham influência ("wasta") e obter o seu apoio. Nós reconhecemos isso como uma parte crítica do plano, porque sem a ajuda deles, não estaríamos aptos a recrutar números suficientes de policiais para reconquistar a cidade inteira.

Nós também percebemos que nos estágios iniciais do plano, nossos esforços de estimular a cooperação local eram altamente vulneráveis. Um ataque orquestrado pela Al-Qaeda no Iraque contra os xeques que nos apoiavam poderia rapidamente destruir o processo, como tinha sido o caso em 2005-2006. Dessa forma nós tomamos medidas extras para assegurar a sobrevivência dos líderes tribais que estavam nos apoiando. Nós estabelecemos grupos de guardas de bairro chamados de "Polícia Provincial Auxiliar do Iraque", nos quais havia a nomeação oficial e um exame rigoroso de membros de milícias tribais, autorizando-os a usar uniformes, portar armas e prover segurança dentro da área tribal definida. Nas áreas tribais mais importantes, postos avançados de combate guarnecidos por forças dos EUA ou pelas FSI protegeriam as estradas principais e mercados. Em alguns casos, também planejamos prover segurança direta às residências dos líderes-chave, incluindo a colocação de veículos blindados nos postos de controle ao longo das estradas principais de acesso a seus bairros.

Planejamos nossos esforços de operações de informações para alienar o povo dos insurgentes e ao mesmo tempo aumentar o prestígio dos líderes tribais que nos apoiavam. Também usamos os

*O chefe de inteligência do Corpo dos Fuzileiros Navais no Iraque recentemente arquivou um raro relatório sigiloso concluindo que as chances para defender a Província oeste de Anbar no Iraque são poucas e que não há nada que as forças militares dos EUA possam fazer para melhorar a situação política e social lá...*

—"Situation Called Dire in West Iraq," Thomas Ricks, *Washington Post*, 11 de setembro de 2006.



*Recrutas da polícia iraquiana guardam o perímetro durante um treinamento de combate aproximado na academia de adestramento em Ramadí, Iraque, 25 de setembro de 2006.*

xeques amigos como condutos de esforços de ajuda humanitária, tais como a distribuição grátis de combustível. Onde quer que estabelecessemos segurança prioritária, também estabelecemos o Centro de Operações Militares e Cíveis e começamos o processo de restauração de serviços para a área. Depois de proteger o Hospital Geral de Ramadí, começamos um intensivo esforço para melhorar seus serviços e anunciá-los publicamente pela cidade. Antes de nossa operação em julho de 2006, a função principal do hospital fora o tratamento de insurgentes feridos, ficando a maior parte da população com medo de entrar no hospital. Também estabelecemos um curso de ação de operações de informações diferente com os xeques. Ao invés de dizer para eles que logo partiríamos e que eles precisariam assumir a responsabilidade pela sua própria segurança, nós informamos a eles que ficaríamos o tanto quanto necessário para derrotar os terroristas. Essa era a mensagem que eles estavam esperando ouvir. Enquanto eles nos percebessem como simples intrusos, eles não partilhavam o seu destino com o nosso. Quando eles começaram a nos ver como parceiros confiáveis, suas atitudes começaram a mudar. Ainda assim, tínhamos que provar que nossas atitudes estavam sendo completamente honestas.

Nossa experiência em Tel Afar nos ensinou que uma competente força policial era vital para sucessos de longo prazo. Uma campanha de intimidação da Al-Qaeda no Iraque tinha quase eliminado a força policial, sendo que um homem-bomba matou dezenas de potenciais recrutas durante um esforço de recrutamento em janeiro

de 2006, um evento que motivou a suspensão do recrutamento por seis meses. Em junho de 2006, a Polícia do Iraque em Ramadí convocou 420 oficiais de polícia dentro dos 3.386 existentes e somente uns 140 desses vieram trabalhar, com menos de 100 presentes para o desempenho de suas atividades diárias. Nós entendemos que um novo recrutamento era essencial para construir uma força policial eficaz.

#### **Recrutando as forças de segurança locais.**

Nosso desejo de recrutar iraquianos locais para a Polícia do Iraque foi o catalisador para o nascimento do movimento Despertar de Anbar em setembro de 2006. A forma com que o fizemos ajudou a provar que éramos parceiros confiáveis e que poderíamos proporcionar segurança aos xeques de uma forma que quebrou o ciclo de assassinatos e intimidação da Al-Qaeda. Nesse contrato, o Governo do Iraque assumiria o encargo de pagar os membros da tribo para prover sua segurança. A situação mostrava ganhos em todos os ângulos. As tribos perceberam cedo que ao invés de serem caçados poderiam se tornar os caçadores, com forças de segurança bem equipadas e adestradas, bem pagas e com o apoio das forças da coalizão posicionadas em suas áreas de responsabilidades.

Nós começamos o processo mudando o nosso centro de recrutamento para uma localidade mais segura, numa de nossas bases de operações avançadas localizada perto das tribos que tinham indicado o desejo de se unirem as Forças de Segurança do Iraque. Essa mudança ajudou a dissuadir ataques e outras formas de intimidação que tinham minado os antigos esforços de recrutamento. Mantivemos discrição sobre o assunto, comunicando a informação sobre os esforços de recrutamento somente aos xeques favoráveis que queriam proteger os membros de suas tribos que tinham sido enviados à Polícia do Iraque. Essa técnica resultou num constante aumento de novos recrutas. Num período de seis meses, de junho a dezembro de 2006, quase 4.000 policiais foram incorporados sem incidentes.

Esse aumento exigiu demais da célula das forças de segurança da brigada, composta de um vice-comandante e uma pequena equipe de oficiais e sargentos altamente capacitados. A maioria da população em Al Anbar não tinha identificação ou a tinha falsificada, então os

alistadores tinham que determinar a identidade verdadeira e a confiabilidade dos potenciais recrutas. A infiltração insurgente da força policial era (e ainda é) um problema no Iraque e é inevitável; contudo, a Primeira Brigada fez uso de diversos métodos e tecnologias para reduzir esse risco.

O Conjunto Automatizado de Instrumentos Biométricos foi extremamente útil na seleção de recrutas e na prevenção de insurgentes previamente identificados de se unirem à força policial. Convencer os xeques apoiadores a atestar pelos seus membros tribais era um segundo filtro no processo de avaliação. De junho a dezembro, mais de 90% dos recrutas da força policial vieram de tribos que estavam apoiando o Despertar de Anbar e os xeques sabiam em quem podiam confiar.

A nossa célula das Forças de Segurança do Iraque entendeu a importância de pagar a nova polícia para provar que eles eram respeitados e seus serviços eram valiosos. Como um benefício colateral, a crescente força da Polícia do Iraque também criou um método de desenvolvimento econômico provendo trabalhos adicionais de segurança para a comunidade local. Cada recruta recebia um bônus se fosse aceito para treinamento. Os oficiais também receberiam um bônus se eles servissem como membros ativos da polícia por 90 dias. Esses incentivos adicionaram mais vitalidade à economia.

Os novos recrutas do Exército do Iraque também recebiam incentivos para alistar-se. Um obstáculo ao recrutamento era que os nativos estavam hesitantes em alistar-se no Exército do Iraque pela possibilidade de receber uma missão longe de casa. Para atenuar essa possibilidade, os E-1 das divisões do Exército do Iraque designavam os “*jundi*” (novos praças) para um batalhão iraquiano próximo de suas casas. Esta opção de um “posto de escolha” ajudou a eliminar uma das principais limitações de recrutamento para o Exército do Iraque.

Na Polícia e no Exército do Iraque os *jundi* designados em Ramadi eram requisitados a realizarem um estágio de uma semana de treinamento de combate urbano administrado pela unidade de artilharia de campo da Primeira Brigada para assegurar que poderiam lutar e sobreviver quando estivessem ligados às suas unidades. A prioridade desse treinamento melhorou a confiança e a disciplina em combate urbano desses nativos, e efetivamente aumentou a eficácia das Forças de Segurança do Iraque em ações de pequenas unidades. Com o passar do tempo, a brigada do Exército do Iraque local assumiu a responsabilidade de conduzir os cursos do Exército e da Polícia do Iraque com um quadro de instrutores militares, que ajudou a forjar a ligação entre essas duas forças e infundiu um senso de elevada confiança nas forças de segurança do Iraque.



Exército dos EUA, Sargento David D. Isakson

Uma nuvem de fumaça causada por um ataque terrorista a uma instalação governamental no centro de Ramadi, Iraque, 13 de março de 2006.

*Enquanto a estratégia dos EUA no Iraque recomendava a retirada das forças americanas para bases maiores e bem protegidas no ano passado, o Coronel Sean McFarland do Exército dos EUA rumou na direção oposta. Ele construiu pequenos postos avançados mais vulneráveis nas vizinhanças mais perigosas de Ramadi. 'Nós construímos onde a Al-Qaeda estava mais forte', MacFarland relata. Os postos avançados abrigavam tropas dos EUA, forças de segurança do Iraque e equipes de assuntos civis. Era uma estratégia arriscada que punha soldados dos EUA em batalhas diárias com os insurgentes.*

—Jim Michaels, "An Army colonel's gamble pays off in Iraq," *USA Today*, 30 de abril de 2007.

A Primeira Brigada fez todos os esforços possíveis para ajudar recrutas não qualificados a se tornarem policiais ou soldados. O que com mais frequência desqualificava os candidatos era o analfabetismo. A brigada iniciou aulas de alfabetização para adultos, como uma experiência para os recrutas que não sabiam ler. Essas classes tiveram um benefício colateral positivo, apesar deste não ser o propósito. Conforme a segurança melhorou, centenas de mulheres se matricularam nas aulas — cinco vezes mais do que esperávamos. O fato das mulheres se sentirem seguras suficientemente para buscar educação reforçou a impressão da melhoria da segurança ao mesmo tempo que atacou diretamente a capacidade da Al-Qaeda de influenciar a população.

Conforme os benefícios da cooperação com os nossos esforços de recrutamento se tornaram claros para os vários xeques locais, mais e mais deles expressaram o interesse de cooperar conosco. Esse interesse eventualmente resultou em represália por parte da Al-Qaeda, que embora trágica, foi fundamental para unir os xeques ao movimento do Despertar de Anbar.

**Defendendo a população.** As operações anteriores da coalizão em Ramadi partiam de grandes bases de operações avançadas nos subúrbios da cidade, com a maior parte das forças executando “operações de contra-insurgência

(de combate) durante o deslocamento” — eles saíam de suas bases de operações avançadas, dirigiam-se para um objetivo ou realizavam patrulhas, recebiam fogo, atiravam e voltavam para a base. Em função da geografia local e da rede de estradas de Ramadi, o inimigo podia observar e prever os movimentos das tropas da coalizão, sendo que quase todos os deslocamentos dentro do centro da cidade eram atacados múltiplas vezes com explosivos improvisados, lança-rojões ou armas leves, muitas vezes com efeitos mortais. Além disso, desta forma, as patrulhas estavam fazendo o jogo da campanha de informações dos insurgentes: Al-Qaeda explorava qualquer dano colateral, descrevendo os soldados da coalizão como ocupadores indiferentes e distribuidores aleatórios de violência contra a população.

Era claro que para persuadir os xeques e seu povo, a nossa Brigada de Combate teria que se mudar para dentro da cidade e para as áreas contestadas. Dessa forma, decidimos empregar uma tática que aprendemos do 3º Regimento de Cavalaria Blindada e que fora usada com sucesso em Tal Afar: o posto avançado de combate ou PAC. Nosso posto avançado de combate normalmente consistia de uma equipe valor companhia de carros de combate ou de infantaria baseada em uma posição defensiva na área disputada. Eventualmente, os postos avançados de combate incluíam uma companhia do Exército do Iraque, quando eles se sentiam seguros com a nossa presença. Mais tarde, nós começamos também a estabelecer subestações nos postos avançados de combate ou em suas proximidades. Nesse estágio inicial, os postos avançados proviam áreas seguras para as forças mecanizadas de reação rápida, locais seguros para unidades de operações especiais e segurança para centros de operações civis e militares. Nas áreas rurais, os postos avançados de combate desempenhavam algumas vezes um papel duplo: como bases de fogos com morteiros e como radares de fogo inimigo.

A partir de então, em razão de mantermos uma presença constante nos bairros disputados, os insurgentes não podiam mais rastrear e prever nossas ações. Patrulhas frequentes e aleatórias dos postos avançados de combate dificultavam a Al-Qaeda de se mover com

eficiência e operar no meio da população no Iraque. Ao mesmo tempo, os postos avançados de combate aumentaram nossa capacidade de executar operações civis e militares, inteligência e vigilância, reconhecimento e operações de informações.

Esses postos avançados também serviam de “isca,” especialmente imediatamente após um novo posto avançado de combate ter sido estabelecido. A experiência em Tal Afar nos ensinou que os insurgentes atacariam os novos postos avançados usando todos os meios disponíveis entre eles, incluindo carros-bomba. Normalmente, esses ataques não ocorriam de forma satisfatória para os insurgentes, que normalmente sofriam pesadas baixas. Durante o estabelecimento dos primeiros postos avançados, em julho de 2006, o inimigo desencadeou assaltos com múltiplos pelotões. O furor dos ataques aos novos postos avançados culminou com uma batalha envolvendo toda a cidade em 24 de julho de 2006, na qual forças da Al-Qaeda foram severamente superadas e tiveram pesadas baixas. Em meados de outubro, os ataques estavam bem menos ferozes, consistindo de poucos homens executando ataques do tipo relâmpago. Esses notáveis decréscimos na força inimiga indicavam que nosso plano de dizimar suas posições estava funcionando. Uma constante presença da coalizão, o desgaste dos insurgentes e sua perda da mobilidade libertaram o povo da intimidação e minaram qualquer apoio para a Al-Qaeda no Iraque.

Os postos avançados de combate também nos permitiram controlar a infra-estrutura em Ramadi e usá-la de novo para apoiar a população. Esse foi o caso do Hospital Geral de Ramadi. Estabelecemos um posto avançado de combate do lado de fora e encostado nas paredes do hospital enquanto uma unidade do Exército do Iraque defendia o local. Em poucos dias o hospital estava proporcionando atendimento médico de qualidade pela primeira vez em um ano e o Exército do Iraque estava detendo insurgentes feridos que estavam indo ao hospital para procurar tratamento.

Continuamos a estabelecer novos postos avançados na cidade e nas áreas adjacentes até quando iniciou nossa substituição em fevereiro de 2007. A estratégia não era diferente da campanha de saltitar nas ilhas do Pacífico durante a II

Guerra Mundial. Com os novos postos avançados estabelecidos num contínuo círculo de aperto ao redor do centro da cidade, arrancamos o controle das áreas dos insurgentes. Como as áreas se tornaram controláveis, nós as entregamos às recém-treinadas forças da Polícia do Iraque (nas quais nós mantínhamos constante atenção) e usamos forças revigoradas de outros locais para continuar a apertar o nó correção na cidade. Todos esses desenvolvimentos em proteger a população necessitaram de acompanhamento de alianças-chave com líderes tribais, uma história que é inseparável da história operacional do Despertar de Anbar.

**Cortejando os líderes locais.** Convencer os xeques locais a se unirem a nós e empreender outra revolta era um desafio imenso, mas a obtenção de seu apoio era o pivô da segunda parte de nossa estratégia. Nós sabíamos que isso

*A delegacia de polícia em Ta'meen, um distrito de Ramadi, ocupa um edifício arrasado — com o teto arruinado por estilhaços de granadas, janelas estilhaçadas e as paredes esburacadas por fragmentos de bombas. Isso não é anormal no Iraque. O que faz essa delegacia extraordinária é que a cidade no coração do famoso Triângulo Sunita, uma cidade que uma vez liderou a insurgência antiamericana, tem o nome de um soldado dos EUA — Capitão Travis Patriquin. É uma honra bem merecida. O Capitão Patriquin teve um papel pouco conhecido, mas crucial, numa das poucas histórias de sucesso americano na guerra do Iraque. Ele ajudou a transformar Ramadi de uma das cidades mais perigosas do Iraque na cidade comprovadamente mais segura fora da região semi-autônoma do Curdistão norte. Esse cemitério de centenas de soldados americanos, o qual a inteligência dos Fuzileiros Navais considerou como uma causa perdida há um ano atrás é onde as forças militares dos EUA agora recebem senadores visitantes para mostrar o progresso que estão fazendo.*

—Martin Fletcher, “How life returned to the streets in a showpiece city that drove out Al-Qaeda” *The Times*, Londres, 31 de agosto de 2007.

seria fundamental quando chegamos a Ramadi no mês de junho. Os xeques se recordavam bem de sua primeira tentativa fracassada de estabelecer o Conselho do Povo de Anbar (no final de 2005 e começo de 2006) e esse era o maior obstáculo para o nosso plano. A aliança tribal sunita estava fragmentada e débil comparada com as crescentes forças da Al-Qaeda que controlavam Ramadi naqueles dias.

Junto a isso, os xeques da área tribal não tinham atração pelas forças dos EUA ou pelo Exército do Iraque. No início da insurgência, eles tinham apoiado direta ou indiretamente os insurgentes do antigo regime nacionalista contra as forças dos EUA e como resultado eles tinham formado temporariamente uma aliança de conveniência com a Al-Qaeda no Iraque. Muitos membros tribais foram mortos ou capturados pelas forças da coalizão, o que diminuiu a capacidade dos xeques de prover renda para suas tribos. Essas condições, por sua vez, permitiram à Al-Qaeda no Iraque recrutar pessoas dessas famílias com necessidades financeiras. Outro fator agravante era que as forças baseadas em Anbar consistiam na sua maioria de iraquianos xiitas do sul. Os habitantes da área de Ramadi os viam como representantes da milícia de Sadr ou do corpo de Badr, com um plano sigiloso para dizimar as tribos sunitas e permitir o controle de Anbar pelos xiitas.

No entanto, os líderes tribais ainda estavam aborrecidos com a violência da Al-Qaeda e frustrados pela sua própria perda de prestígio e influência tradicional no coração de seu país.

*O Cel MacFarland concordou em montar delegacias de polícia em suas áreas, mas somente se os xeques fornecessem 100 homens para servir como policiais em outras localidades da cidade. No ano passado havia aproximadamente 100 policiais patrulhando Ramadi. Agora existem mais ou menos 4.000. E onde havia uma vez 4 postos avançados, agora existem 24, onde americanos e iraquianos vivem juntos.*

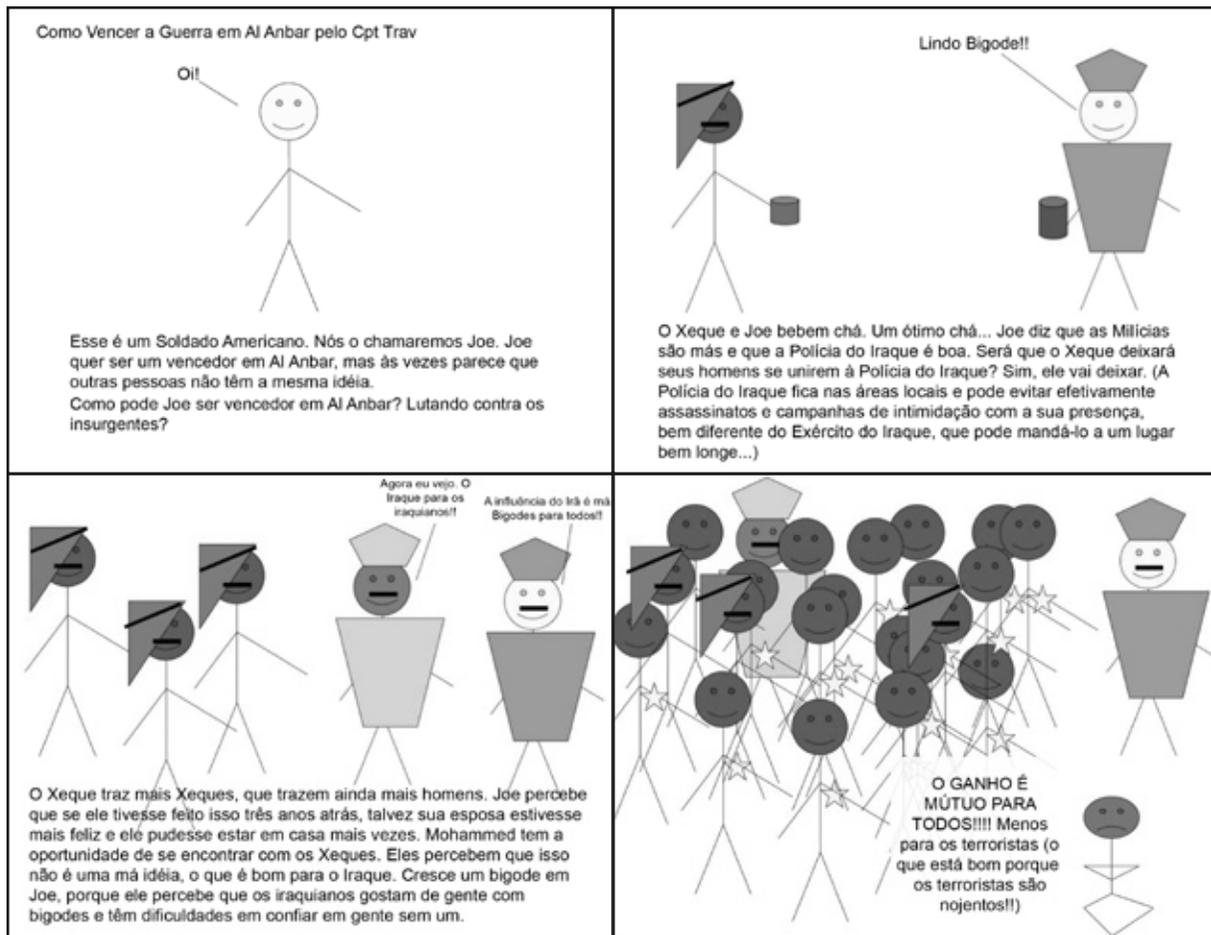
—Tom Bowman, “U.S. Soldiers, Iraqi Police Unite to Redeem Ramadi,” *NPR All Things Considered*, 22 de fevereiro de 2007.

A equipe da brigada acreditava que ao oferecer incentivos convincentes, poderíamos criar uma aliança tribal que poderia produzir uma segurança duradoura em Ramadi. Para persuadir as tribos a cooperar, inicialmente precisávamos do terreno humano em nossa área de operações e essa tarefa foi dada a um excelente e talentoso oficial subalterno, Capitão Travis Patriquin.

Sendo um ex-soldado das Forças Especiais fluente em Árabe e um oficial de infantaria designado como oficial de contato da Primeira Brigada, Patriquin coordenou reuniões locais e discussões no nível de brigada. Ele rapidamente ganhou a confiança dos xeques por meio de suas capacidades lingüísticas e interpessoais e desenvolveu laços fortes com suas famílias. Ele fortaleceu esses laços durante reuniões entre o comandante da brigada ou o subcomandante e os xeques. Os comandantes de Batalhão ou companhia também trabalharam para aprimorar as relações diárias com os habitantes da cidade. Dessa forma, a crescente confiança dos xeques nos oficiais da brigada os levou a apoiar nossos esforços de revigorar o recrutamento da Polícia.

O efeito combinado dos esforços de recrutamento foi eventualmente um enorme sucesso. Contudo, alguns dos oficiais fora da brigada ficaram preocupados que estivéssemos armando uma milícia tribal que poderia lutar contra as forças de segurança iraquianas no futuro. Para acalmar essas preocupações e para compartilhar as “melhores práticas” que tínhamos desenvolvido em Ramadi, o Capitão Patriquin criou sua famosa apresentação de bonequinhos em *PowerPoint*® conhecida “Como Vencer em Al Anbar.”<sup>4</sup> Essa exibição de slides mostra perfeitamente o conceito da Primeira Brigada para persuadir as tribos a se unirem ao nosso lado.

Deliberadamente colocamos nossas primeiras delegacias da Polícia do Iraque guarnecidas por homens das tribos sunitas recentemente recrutados que poderiam proteger as tribos que estavam nos suprindo com mais recrutas. Essa tática proporcionou aos policiais do Iraque um incentivo adicional para honrar e defender os seus e efetivamente encerrou a campanha de assassinatos e intimidação da Al-Qaeda contra os homens servindo nas Forças de Segurança do Iraque. Numa significante



Slides selecionados da apresentação de PowerPoint® criada pelo Capitão Travis Patriquin. Em 6 de dezembro de 2006, o Capitão Patriquin foi morto em ação por um explosivo improvisado em Ramadi. Numerosos xeques estiveram presentes na cerimônia em sua memória.

mudança de circunstâncias, os recém-formados da Polícia do Iraque rapidamente se tornaram os caçadores, prendendo um número de insurgentes e descobrindo grandes esconderijos de armas. Já pelo final de julho de 2006, a Al-Qaeda no Iraque estava definitivamente passando por um aperto.

Reagindo a pressão, a Al-Qaeda inadvertidamente auxiliou os nossos propósitos ao confiar demasiadamente na sua própria força. O grupo executou uma série de ataques contra as novas delegacias da Polícia do Iraque. Em 21 de agosto, os insurgentes atacaram uma recém-estabelecida delegacia numa fortaleza tribal com um imenso carro-bomba carregado com explosivos improvisados. Contudo, os membros da Polícia do Iraque se recusaram a retirar-se do local. Apesar da oferta de um lugar seguro numa base próxima da coalizão, os sobreviventes permaneceram nos seus postos, alçaram a sua

esfarrapada bandeira ao mastro e reiniciaram a execução de patrulhas no mesmo dia.

Horas mais tarde, a Al-Qaeda tentou intimidar futuros recrutas ao assassinar e profanar o corpo de um dos principais xeques que fora prestativo no nosso esforço inicial de recrutar membros da tribo para as Forças de Segurança do Iraque. O ataque inflamou o sentimento tribal contra a Al-Qaeda no Iraque e atraiu diversas tribos que estavam indecisas a apoiar o recrutamento policial.

Um significante líder para o florescente movimento emergiu em Sittar albu-Risha, um jovem xeque que residia no lado oeste da cidade e que era reputado de ter conexões comerciais e de contrabando por toda Anbar. Em função da existência de muitas perguntas sobre os motivos verdadeiros de Sittar, alguns estavam preocupados que estaríamos dando muita

importância a um xeque relativamente jovem e reduzindo as negociações em andamento com os líderes tribais de Anbar que tinham fugido para a Jordânia. Contudo, após cada negociação bem sucedida e demonstração de confiança por parte de Sittar, estávamos aptos a reduzir gradualmente as nossas reservas.

## O Ponto Decisivo

O xeque Sittar era uma figura dinâmica e interessada em enfrentar a Al-Qaeda. Outros xeques, mais cautelosos, ficaram felizes por ele ter tomado a iniciativa de lutar contra a Al-Qaeda no Iraque em momentos passados, quando a vitória estava longe de ser obtida e as memórias dos atentados ainda estavam vivas. No livro *The Tipping Point* Malcolm Gladwell escreve que três tipos de indivíduos são necessários para uma mudança radical ou para um “ponto de inflexão” ocorrer: uma pessoa habilidosa, vendedores e aqueles que contactam. Em resumo, os habilidosos possuem os bens, os vendedores espalham as notícias e aqueles que contactaram distribuem os bens por todo o lugar.<sup>5</sup> Em Ramadi, os soldados da Primeira Brigada eram os habilidosos que tinham os bens — nesse caso, a capacidade de formar, treinar e equipar as forças de segurança iraquianas e os novos líderes. Os comandantes da brigada e dos batalhões agiam como os vendedores. Nós identificamos Sittar como uma ligação que poderia fazer o povo aceitar o movimento do

Despertar da Anbar. Todos os elementos estavam no lugar certo para a transformação, somente tínhamos que decidir se confiávamos em Sittar. Quando nossos vendedores decidiram correr o risco com esse ligação, o efeito foi impressionante pela sua velocidade e alcance.

Em 9 de setembro de 2006 Sittar organizou um conselho tribal, com o comparecimento de mais de 50 xeques e o comandante da brigada, no qual ele declarou que o “Despertar de Anbar” estava oficialmente a caminho. O Conselho do Despertar que emergiu desse encontro concordou com a primeira iniciativa de expulsar a Al-Qaeda de Ramadi. E então restabeleceram as regras da lei e um governo local para apoiar o povo. A criação do Conselho do Despertar de Anbar, combinado com o existente recrutamento de forças de segurança locais, iniciou-se um efeito de ampliação de ações que resultou num crescente número de tribos que abertamente apoiaram o Despertar ou retiraram o seu apoio da Al-Qaeda no Iraque.

Embora o recrutamento e o estabelecimento de vigilância nas vizinhanças fossem um passo necessário para defender Ramadi, não eram suficientes para remover a influência da Al-Qaeda da cidade completamente. Precisávamos de mais policiais que se unissem a nós dentro da cidade, o qual nossos soldados chamavam de “o coração da escuridão.” Um acordo crítico que emergiu do conselho resultou em compromissos de prover mais recrutas das tribos locais para preencher as necessidades das forças policiais.

Logo após o final do conselho, as tribos começaram uma campanha independente de erradicação e retaliação contra membros da Al-Qaeda no Iraque que estavam vivendo no seu meio. A influência da Al-Qaeda na cidade começou a declinar rapidamente. Unidades dos EUA e do Iraque operando nos postos avançados de combate eliminaram ou capturaram os elementos mais eficazes da Al-Qaeda no Iraque enquanto forças



Militantes armados dirigem pelas ruas de Ramadi, Iraque, 5 de dezembro de 2006.

tribais renascentes e a Polícia do Iraque assaltavam seus esconderijos e locais seguros. No final de outubro, quase todas as tribos nos subúrbios no norte e oeste de Ramadi tinham publicamente declarado apoio ao movimento do Despertar Anbar e algumas tribos nos subúrbios do leste da cidade estavam sondando opiniões para fazer o mesmo. O palco estava pronto para uma grande mudança em Ramadi.

## A Batalha de Sufia

A Al-Qaeda no Iraque não ficava de braços cruzados enquanto perdia seu domínio sobre o terreno e a população. Os índices de ataques continuaram altos dentro dos limites da cidade durante todo o outubro de 2006 (Ramadan) enquanto ataques de carros-bomba com explosivos improvisados contra os novos postos avançados de combate e as delegacias da Polícia do Iraque localizadas fora da cidade ocorriam regularmente. Esses ataques freqüentemente infligiam baixas nas novas forças de segurança. Contudo as baixas não eram suficientes para desacelerar o Despertar e o apoio continuou a ampliar o movimento.

Por muito tempo a Al-Qaeda no Iraque contava com uma base de apoio segura no subúrbio leste da cidade nas áreas de Sufia e Julaybah. Essas áreas tribais rurais eram consideradas as mais perigosas na área de operações de Ramadi e os dados de inteligência indicavam que eles refugiavam uma grande rede de apoio aos insurgentes que operavam na cidade. A Al-Qaeda no Iraque descobriu que um dos mais importantes xeques na área de Sufia estava decidido a apoiar o movimento e que tinha montado pontos de checagem para manter os insurgentes fora da área. Considerando o perigo para uma de suas áreas vitais de apoio fora da cidade, a Al-Qaeda no Iraque agiu rápido para manter o seu domínio nessa área.

Em 25 de novembro, 30 a 40 pistoleiros dirigiram-se em carros para a área tribal de Albu Soda e começaram a assassinar os membros da tribo. As forças da Al-Qaeda no Iraque pegaram de surpresa os membros da milícia tribal que tentavam defender seus lares, matando muitos, ao mesmo tempo que saquearam e queimaram suas casas. Um grupo de civis fugiu em barcos pelo rio Eufrates e alcançou um posto avançado do Exército do Iraque onde sem fôlego descreveram

*A luta pelo poder tinha iniciado: o reino de terror da al-Qaeda está sendo desafiado. O xeque Sittar e muitos dos outros líderes tribais tinham arriscado sua sorte com as forças militares dos EUA que uma vez eram odiadas. Eles estão persuadindo centenas dos seus seguidores a se alistarem na extinta polícia iraquiana. As tropas americanas estão se movendo para dentro de uma cidade que era, até recentemente, uma área virtualmente proibida. A batalha se desenvolve com fúria pela lealdade dos cidadãos aterrorizados e sofridos de Ramadi e o resultado pode ter conseqüências de longo alcance.*

—Martin Fletcher, "Fighting back: the city determined not to become al-Qaeda's capital," *The Times*, Londres, 20 de novembro de 2006.

o que estava acontecendo. O batalhão do Exército do Iraque passou a informação ao Centro de Operações Táticas da nossa brigada, onde o quadro de operações mudou das atividades de reconhecimento, inteligência e vigilância, e imediatamente chamaram pelo Capitão Patriquin para prover informações da situação sobre o ponto de vista dos iraquianos.

Em uma hora, Patriquin tinha tomado conhecimento da situação por meio de chamadas telefônicas aos xeques locais. O centro de operações da brigada rapidamente tomou uma decisão crucial — nós apoiaremos a tribo de Albu Soda na sua autodefesa. Os comandantes das brigadas de combate e o seu pessoal cancelaram uma operação combinada de nível batalhão planejada para o leste de Ramadi horas antes de sua execução. O comandante do batalhão que era responsável por essa área, o Tenente-Coronel Charles Ferry do 1º Batalhão do 9º Regimento de Infantaria (Manchus), rapidamente desviou sua força da área planejada para as operações para socorrer a tribo Soda na defesa de seus lares. A decisão foi imediata e a reação extremamente rápida, destacando a flexibilidade da brigada em reconhecer e adaptar-se rapidamente para tirar vantagens das oportunidades, ao invés de seguir os passos de um plano inflexivelmente.

Aeronaves do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA surgiram no alto fazendo vôos de

“demonstração de força” com o intuito de intimidar aos insurgentes e convencê-los de que um ataque aéreo era iminente. Depois, uma força de reação terrestre da Força-Tarefa 1 do 9º Regimento de Infantaria começou a se preparar para adentrar na área e estabelecer defesas para a tribo de Albu Soda. Em razão de estarmos observando a área por meio de detectores aéreos, nossa visão da batalha era indistinta e não era possível distinguir os insurgentes dos membros da tribo amigável. Nós não queríamos atacar a tribo amigável por engano, então decidimos intimidar os insurgentes com disparos para levantar suas posições no terreno. As explosões em áreas abertas próximas davam a impressão de fogos de artilharia na mente do inimigo. Com o complemento do rugido dos aviões de caça, as aterrorizadas forças da Al-Qaeda ficaram convencidas que estavam sendo atacadas por poder de fogo extremamente superior e começaram a se retirar, separando-se de suas vítimas.

Os pistoleiros da Al-Qaeda começaram a fugir da área, entrando em diversos veículos, três dos quais foram identificados por nossos sensores. Nosso veículo aéreo não-tripulado (VANT) observou um corpo sendo arrastado atrás de um dos carros, evidentemente um membro da tribo de Albu Soda. Os insurgentes obviamente tinham como propósito aterrorizar e insultar a tribo com esse ato de mutilação, mas eles também iniciaram uma reação ao se identificar claramente. O Centro de Operações Táticas da Primeira Brigada coordenou os ataques de *F-18* que atacou e destruiu os veículos em fuga numa flamejante explosão conforme os carros de combate *M1A1* manobraram para se engajar. Um VANT *Predator* e carros de combate *M1A1* em posições de emboscada liquidaram outros carros da Al-Qaeda que tentavam escapar. No final, diversas companhias de infantaria e alguns carros de combate *M1A1* tinham reforçado os defensores tribais, demonstrando ainda mais o compromisso da coalizão.

Mais uma vez, o atento de intimidação da Al-Qaeda no Iraque engasgou: tribos se uniram ao movimento Despertar com extrema rapidez, expandindo-se as áreas de operações nas vizinhanças de Fallujah e Hit. Em dois meses, todas as tribos em Sufia e Julaybah tinham declarado apoio ao movimento e quatro novos

postos avançados tinham sido construídos para proteger a população. Uma área anteriormente considerada uma grande ameaça e usada como uma área de concentração para lançar ataques de morteiros da Al-Qaeda no Iraque se tornou quase que completamente segura. Também, membros tribais dentro de Ramadi começaram a apoiar o Despertar, tendo a segurança local melhorado rapidamente. Uma vez que a área tribal se uniu ao movimento, o contato com o inimigo nessas áreas normalmente baixou quase ao nível zero, conforme o Exército e a Polícia do Iraque mais as forças dos EUA proporcionavam segurança. Bases que anteriormente estavam sob ataques diários de morteiro e armas leves se tornaram áreas seguras e puderam realizar a transição para o controle da Polícia do Iraque, liberando as forças dos EUA para perseguirem a Al-Qaeda em outros lugares.

Em fevereiro de 2007, os contatos com os insurgentes tinham caído quase 70% comparando-se com os números de junho de 2006, tendo também baixado dramaticamente em termos de complexidade e efeito. A combinação do engajamento tribal e dos postos avançados de combate provou ser letal para os esforços da Al-Qaeda de dominar Ramadi.

## Reconstrução

Os esforços de limpeza e arrumação são os mais delicados, mas também são as partes relativamente mais óbvias de qualquer esforço de contra-insurgência; construir a infra-estrutura para manter o sucesso militar é a parte complicada. Em Ramadi, era essencial começar a reconstrução no início da operação de limpeza para que não houvesse uma lacuna entre o estabelecimento da segurança e a implementação de projetos.

Embora projetos e o trabalho de equipes de assuntos civis sejam obviamente vitais para o sucesso de uma campanha de limpeza, guarda e construção, o estabelecimento de uma infra-estrutura humana, o qual inclui a nomeação de oficiais do governo e diretores de agência que sejam confiáveis, é de importância comparável. Uma das chaves do sucesso em Tal Afar foi o estabelecimento de um governo local confiável com um prefeito respeitado pelo povo. Quando chegamos em Ramadi, não existia um governo local. Nós persuadimos o conselho provincial a

nomear um prefeito — um que fosse aceito pelas tribos — para coordenar o desenvolvimento da cidade. A nomeação era importante porque liberava o governador dos cargos no nível municipal e permitia que se concentrasse em assuntos de outros lugares na província. Trabalhamos com o prefeito para assegurar que escolas, hospitais, esgotos, estações de força e outras infra-estruturas retornassem a normalidade pré-guerra tão rápido quanto possível. De fato, a parte oeste de Ramadi passava por uma restauração enquanto as operações de combate no leste continuavam durante o outono. Esse esforço de reconstrução demonstrava que serviços normais poderiam funcionar novamente e isso ajudou a convencer o povo de Ramadi que os melhoramentos de segurança eram permanentes.

Queríamos encorajar o povo que morava nas vizinhanças ainda em conflito que seria possível e de seu melhor interesse unir-se ao Despertar. Com esse intuito, tivemos a primeira “Conferência de Reconstrução de Ramadi” em janeiro de 2007 na residência do xeque Sittar. O xeque Sittar convidou todos os xeques locais, todos os oficiais do governo que pode encontrar e empreiteiros locais. Após um *briefing* de todos os projetos em andamento, explicamos as diferentes maneiras em que as forças da coalizão poderiam ajudar na reconstrução. Os participantes se reuniram em pequenos grupos de acordo com suas diferenças geográficas, liderados pelos nossos cinco comandantes operacionais da força-tarefa e seus parceiros locais para planejar e ajustar os planos de reconstrução.

Os comandantes discutiram as necessidades e também as capacidades de reconstrução locais. Todos foram convidados a voltar em março para apresentarem *briefings* sobre seus planos. Conseqüentemente, nós estávamos aptos para iniciar a reconstrução nas áreas seguras de Ramadi antes que a luta terminasse em outras partes. Manter a iniciativa dessa forma foi a coisa mais importante que fizemos em toda a campanha.

### Por que Fomos Bem-Sucedidos

Claramente, uma combinação de fatores, alguns dos quais ainda não compreendemos completamente, contribuíram para esse grande sucesso. Como foi mencionado anteriormente, o

inimigo demonstrou uma exagerada confiança em si mesmo, sendo que o povo estava cansado da Al-Qaeda. Uma série de assassinatos colocaram em posições importantes líderes tribais mais jovens e agressivos em suas posições de influência. Uma crescente preocupação de que os EUA saíram do Iraque e deixariam os sunitas sem defesa contra a Al-Qaeda ou milícias apoiadas pelos iranianos tornou esses jovens líderes receptivos às nossas propostas. Nosso interesse de adaptar nossos planos de acordo com o conselho dos xeques, nosso efetivo e oportuno apoio a eles nos momentos de perigo e necessidade, aliados a nossa capacidade de cumprir uma promessa os convenceram que poderiam fazer negócios conosco. Nossa presença à frente os manteve seguros. Nós operamos agressivamente lado a lado em todas as linhas de operações, cinéticas e não-cinéticas, para empregar todas as armas e meios disponíveis na luta contra o inimigo. Conduzimos detalhadas reuniões para fusão de dados de inteligência e de escolha de alvos, operamos sem dificuldade com unidades de forças de operações especiais, aviação, apoio aéreo aproximado e operações ribeirinhas. Nós temos visto esse modelo operacional ser seguido por outras brigadas de combate em outras partes do Iraque e tem provado ser eficaz. De fato, o

*Embora a Al-Qaeda tenha sido expulsa da cidade, não foi expulsa da Província de Anbar, nem do Iraque. Porém Ramadi — onde os Fuzileiros Navais pensaram que estava em completo controle dos insurgentes em agosto de 2006 se torna um exemplo da cooperação entre americanos e iraquianos. Um surto econômico está ocorrendo: existem projetos de reconstrução; a olaria estará reabrindo no próximo mês, lojas estão reabrindo e bens e comida de melhor qualidade estão à venda nos mercados — os salários têm aumentado 20% nos últimos seis meses. Como o Prefeito Latif Obaid me disse em abril quando estive presente na 3ª Conferência para o Desenvolvimento Econômico, Ramadi está aberta para o comércio — visite-nos!*

—Andrew Lubin, “Ramadi: Building on Success,” *On Point*, 30 de outubro de 2007.

*Esse é o tipo de notícia que o mundo não ouve: Ramadi, por muito tempo foi o foco da intranqüilidade, a cidade que uma vez constituía o ponto sudoeste do famoso “Triângulo Sunita,” hoje conta uma história diferente, a história de americanos que vieram aqui como libertadores, que se tornaram ocupantes odiados e agora são os protetores da reconstrução do Iraque.*

—Ullrich Fichtner, “Hope and Despair in Divided Iraq,”  
*Der Spiegel*, 10 de agosto de 2007.

nível de sofisticação melhorou bastante depois que a Primeira Brigada partiu em fevereiro de 2007. Embora, talvez tenha sido pioneira naquele período, a maior parte de nossas táticas, técnicas e processos agora é familiar a qualquer unidade atualmente operando no Iraque.

As lições mais duradouras de Ramadi são as que são mais facilmente perdidas nas discussões técnicas e táticas, por serem menos sensíveis. As lições mais importantes que aprendemos foram:

- aceite o risco para obter resultados;
- uma vez ganha a iniciativa, nunca conceda trégua ou refúgio ao inimigo;
- nunca pare de procurar outra alternativa para atacar o inimigo; e
- as tribos representam o povo do Iraque e a população representa o “terreno-chave” do conflito. A força que apóia a população ao ocupar uma posição de vantagem possui a superioridade numa contra-insurgência da mesma forma que um comandante operacional que ocupa um terreno dominante numa batalha convencional.

Não importa quão imperfeito o sistema tribal parecia para nós, ele era capaz de proporcionar ordem social e controle por meio de recursos culturais apropriados onde o controle do governo era fraco.

## **Conclusão:**

Os homens designados e agregados à Primeira Brigada de Combate pagaram um preço terrivelmente alto na defesa de Ramadi. Em 9 meses, 85 dos nossos soldados, marinheiros e fuzileiros navais foram mortos e mais de 500 foram feridos em algumas das lutas mais duras da guerra. Somente os resultados extraordinários obtidos, como os cidadãos libertados em Ramadi que hoje caminham por suas ruas sem medo, podem abrandar a tristeza causada por aquele sacrifício. É gratificante ver o nosso modelo de trabalho adaptado e empregado em outros locais na Guerra Contra o Terrorismo. Isso prova mais uma vez que o Exército dos EUA é realmente uma organização que aprende. No final, provavelmente a lição mais importante que aprendemos em Ramadi foi que, como o General Petraeus disse: “Difícil não significa sem esperança.”**MR**

---

## **REFERÊNCIAS**

1. KAGAN, Frederick W., “The Gettysburg of This War,” *National Review*, 3 de setembro de 2007.
2. STACK, Megan K. e ROUG, Louise “Fear of Big Battle Panics Iraqi City,” *Los Angeles Times*, 11 de junho de 2006.
3. Para os objetivos desse artigo, os múltiplos grupos insurgentes estão divididos em duas categorias principais: elementos do antigo regime (FRE), consistindo de antigos Baatistas e outros nacionalistas e a Al-Qaeda no Iraque, consistindo de grupos de insurgentes islâmicos fundamentalistas.
4. A apresentação “How to Win in Al Anbar” se tornou famosa rapidamente, ganhando menção em diversos programas de entrevistas. Disponível em: [http://abcnews.go.com/images/us/how\\_to\\_win\\_in\\_anbar\\_v4.pdf](http://abcnews.go.com/images/us/how_to_win_in_anbar_v4.pdf).
5. GLADWELL, Malcolm, *The Tipping Point: How Little Things Can Make a Big Difference* (Boston: Little, Brown and Company, 2000).

*Este artigo é dedicado aos membros da Primeira Brigada de Combate que perderam suas vidas para fazer o Iraque um melhor lugar e outras dezenas de milhares de soldados e fuzileiros navais que ainda estão lutando naquele país.*

\*\*\*\*\*

*Agradecimentos especiais ao Major Eric Remoy, Tenente-Coronel Phillip Mayberry e Capitão Michael Murphy que contribuíram para a elaboração deste artigo.*